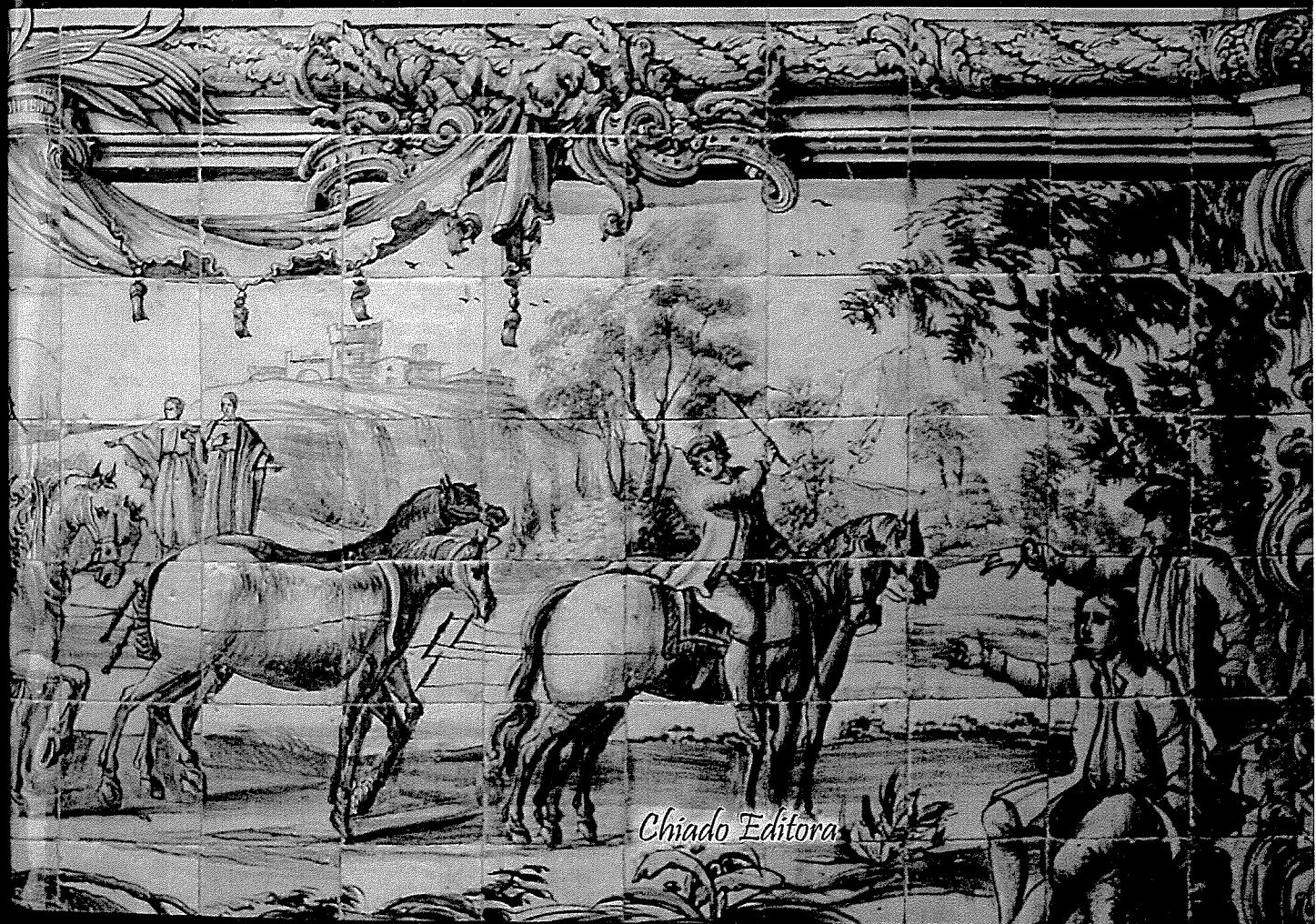


# UNIVERSIDADE DE ÉVORA (1559-2009)

450 ANOS DE MODERNIDADE EDUCATIVA

Coordenação de **Sara Marques Pereira e Francisco Lourenço Vaz**



*Chiado Editora*

## CAPÍTULO II

### OS COLÉGIOS DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA: RECRIAÇÃO, EVOCAÇÃO E CAPRICHOS.

**Antónia Fialho Conde**

(Dep. HIST./CIDHEUS/HERCULES/UE)

**João Soares**

(Dep. Arq./CHAIA/UE)

**Paulo Simões Rodrigues**

(Dep. HIST./CHAIA/HERCULES/UE)

O propósito da comunicação por nós apresentada no colóquio internacional *Universidade de Évora, 450 Anos (1559-2009). Um Passado com Futuro* foi a divulgação pública da fase muito inicial de um projecto que se pretende que venha a ser desenvolvido em parceria por investigadores do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) e do Centro Interdisciplinar de História, Sociedade e Cultura (CIDHEUS). O objectivo desse projecto é recriar graficamente a evolução do complexo arquitectónico que constituiu a Universidade de Évora, desde a construção do primeiro colégio, ainda como seminário, por vontade do Cardeal D. Henrique, em 1551, até às campanhas de obras realizadas no século XVIII, que lhe conferiram, genericamente, o aspecto que actualmente apresenta. Está ainda em estado de reflexão a possibilidade de acrescentar uma outra fase de trabalho ao projecto. Uma fase relativa ao período pós extinção das ordens religiosas (1834), que abarcará a adaptação do Colégio do Espírito Santo a Casa Pia, a serviços administrativos municipais e a liceu – que implicou a construção do ginásio e o restauro da Sala dos Actos, com projecto do arquitecto António do Couto, por iniciativa do reitor António Gromicho, em 1931.

Assim, o que aqui passaremos a descrever não é ainda a concretização desse projecto, mas uma demonstração da metodologia de trabalho que irá ser seguida, e dos problemas e condicionantes que se colocam à sua aplicação e que dela decorrem.

#### As Fontes

Uma das metodologias centrais deste projecto é o cruzamento de abordagens científicas complementares, entre a História, a História da Arte e a Arquitectura, à volta da mesma

temática: o surgir do Colégio do Espírito Santo. Desta forma, procurámos analisar as fontes documentais disponíveis, em termos locais, que pudessem contribuir para a consumação deste objectivo.

Ao contrário do que sucede noutros casos, como os colégios jesuítas de Coimbra, em relação à Universidade de Évora são raras as fontes iconográficas coevas anteriores ao século XIX, pelo menos no que diz respeito aos arquivos levantados até hoje. Estas estão limitadas à panorâmica da cidade de Évora desenhada por Pier Maria Baldi para a narração da viagem de Cosme de Médicis a Portugal e Espanha em 1669, redigida por Lorenzo Magalotti (*Viagem a Portugal pelo Cardeal Cosme de Médicis*) e ao que parece ser a planta do Colégio da Purificação, representada no retrato do Cardeal Infante D. Henrique (séc. XVI) que está actualmente na Sala dos Actos da Universidade de Évora.

Por outro lado, como que por compensação, são abundantes as fontes escritas até ao século XVIII, quer manuscritas, quer impressas. Relativamente às impressas, as mais conhecidas são recorrentes nos estudos sobre o Colégio do Espírito Santo e têm permitido estabelecer uma cronologia do processo de edificação do complexo da Universidade de Évora:

c. 1551 – Levantamento de um Colégio da Companhia de Jesus sobre a segunda cintura de muralhas, a cerca fernandina, paralela ao muro da cidade que corre junto ao palácio dos Condes de Basto. Este corpo inicial tinha dois pisos. No superior foram instaladas 15 celas e no inferior as oficinas, um claustro quadrado e uma capela.

c. 1553 – Decisão de trazer um grupo de religiosos da Companhia de Jesus para junto dos colegiais. Leva a uma segunda decisão, a de ampliar o colégio a partir do meio do corpo nascente. Este novo corpo acompanhou o desenho do claustro e, contornando o ângulo Norte, fechava-o entestando com o corpo original. O edifício passou, assim, a comportar 60 celas, 30 para os seminaristas e 30 para os religiosos.

Visita do Infante D. Luís, que aprova o novo edifício, mas não a intenção de juntar os colegiais seculares com os religiosos que professavam um maior recolhimento e clausura. Decide-se dar o novo edifício aos religiosos e construir outro para os colegiais.

1554 – Entrega de todo o edifício aos religiosos (que até então viviam no paço de S. Francisco), em número de 20. Aquisição de terra e hortas com água em abundância junto ao novo colégio. Delimitação de toda a área do Colégio com um muro. Plantação de árvores de fruto e de outras.

1556 – O número de religiosos aumenta para 25. Construção da igreja onde hoje está a Sala dos Actos. Corpo com alpendre, três portas, acessível através de 6 degraus de mármore. Fachada com uma grande janela e três frestas grandes. Interior com três altares, com retábulos pintados.

Com o crescimento do número dos religiosos, o Cardeal Infante D. Henrique foi apoiando a sua contínua ampliação, sobretudo após ter visitado o colégio jesuíta de Coimbra, fundado por D. João III.

1561 – Construção de um claustro rodeado por galerias com arcos assentes em colunas de mármore, segundo o modelo do colégio de Coimbra. As galerias serviam para acolher os estudantes enquanto esperavam para entrar nas salas de aula. No meio do pátio do claustro é colocada a fonte de mármore.

1564 – Construção do Noviciado, junto à nova Igreja. Quadrado perfeito de dois pisos, com 20 cubículos em cada um. O centro abre-se em dois pátios, divididos pela Igreja, futura Sala dos Actos. Um é o pátio da Botica e o outro das Enfermarias. O da Botica tem, ao centro, uma fonte de mármore, em forma de pirâmide e árvores de fruto. Cercado por dois segmentos de dez colunas de mármore que sustentam o telhado da galeria que dá acesso à botica e às enfermarias.

1566 – Início da construção da Igreja do Espírito Santo. A nova Igreja devia seguir o modelo de S. Francisco. Como ficou implantada numa área que estava originalmente dentro da cerca fernandina, foi necessário comprar e demolir algumas casas, assim como alterar o caminho que as separava do Colégio. Ermida e casas existentes junto à porta dos Estudos também demolidas.

1568 – Conclusão do pátio das Enfermarias no Noviciado. Tem canteiros e uma fonte de mármore ao centro. Abrem para o pátio duas capelas onde se venerava o mistério do nascimento de Cristo e a Virgem.

1572 – Conclusão da Igreja (fecho da abóbada).

1575 – Início da edificação do corpo que se desenvolve de Norte a Nordeste. O refeitório estava instalado no 2º andar deste edifício. Uma das paredes mestras corre sobre a muralha.

1595 – Construção do corredor direcionado para sul, onde está a actual biblioteca.

1596 – Feitura do lavatório da comunidade, junto ao refeitório, em mármore de Estremoz.

1647 – Abertura da capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

1666 – Abertura da portaria adjacente à Igreja do Espírito Santo.

1677 – O Reitor Manuel Luís manda abobadar todo o corredor que corre entre o pátio, o Noviciado e a Igreja.

1678 – O corredor que parte do Noviciado para Ocidente é abobadado e são feitos os respectivos cubículos.

1701 – Decoração da Casa da Portaria Comum com azulejos, pinturas nas paredes e abóbadas, e bancos.

1723-1724 – As galerias que correm de Norte a Sul e que cruzam com a que parte do Noviciado para Ocidente são abobadadas.

A cronologia fundamenta-se em informação retirada das seguintes obras: *Monarquia Lusitana* (c. 1630) de Frei António Brandão, *Corografia Portugueza e Descripçam Topográfica do Famoso Reyno de Portugal* de António Carvalho da Costa (1708), *Chronica Serafica da Santa Província dos Algarves, da Regular Observância do Nossa Seráfico Padre S. Francisco* de Frei Jerónimo de Belém (1753), *Monarquia Lusitana I* (1597) de Frei Bernardo de Brito, *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, *Évora Ilustrada* dos padres António Franco e Manuel Fialho (sécs. XVII-XVIII) – muito pormenorizado em relação às alterações dos finais do século XVII e do século XVIII – e *Evora Gloriosa. Epílogo dos quatro tomos da Évora Ilustrada, que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de Jesus* (1728) do padre Francisco da Fonseca.

Quanto à documentação existente na Biblioteca da Universidade de Évora, sublinhamos os trabalhos do cônego F. Mendeiros<sup>1</sup> e de Joaquim José Vieira de Mello<sup>2</sup>; este último apresenta cópias de alguns documentos originais de fundação da Universidade, nomeadamente a demarcação do Colégio da Purificação<sup>3</sup>. Retiramos alguns elementos interessantes para a história do edifício que constam nas citadas obras, nomeadamente que o Conventinho (zona onde está instalada a reitoria e o respectivo claustro) correspondia ao antigo noviciado; e ainda que em 1583-1584 foi tapado um caminho entre a Purificação e o Espírito Santo (e passou para o muro de Santa Mónica), questão pouco pacífica e que se arrastou no tempo, devido aos interesses do conde de Basto (D. Fernando de Castro, por causa da serventia da sua casa, junto à porta do moinho de vento); bem como a informação de que, em 1583, os pedreiros Diogo Ferreira e Manuel Goes estiveram encarregues da obra e de aplanar o outeiro entre a Purificação e os Lóios, criando um largo, podendo tapar o caminho quando tivessem feito outro alternativo.

Recorrendo ainda ao acervo documental da Universidade, consultámos no Arquivo da Universidade de Évora os Cd's vindos do Fundo Jesuítico (Fondo GES) em Roma, do ARSI (Archivum Romanum Societatis Iesu): Fondo GES, Collegia 46; Fondo GES 1408 e 1409; Fondo GES, Lus 81; Fondo GES, Lus 82 I; Fondo Ges, Lus 82 II. Em termos de conteúdo, a informação que consta nestes documentos não tem qualquer elemento inovador que possa ser utilizado para a história da construção e/ou evolução construtiva do edifício. Neste Fundo essa informação encontra-se apenas no Lus 80, nos fólios 211 – 212v, 218, 226-228 (sendo que os fls. 216 a 218v. se encontram em branco). É um documento da década de 50 do século XVI, sensivelmente de 1553, 6 anos antes da fundação da Universidade. No fólio 211 fica expressa a ideia de se construir em Évora um Colégio a partir de

<sup>1</sup> F. Mendeiros, *Do real colégio da Purificação ao Instituto...*

<sup>2</sup> Joaquim José Vieira de Mello, *Fundação da Universidade de Évora, 1547-1564*

<sup>3</sup> Biblioteca Pública de Évora, Código CLXIX/1-30, que consultámos.

um modelo já existente, "...para aqui fazer hum collegio [de clérigos] como o de Navarra ou de paris." No mesmo fólio, fala-se ainda *da repartição do Colégio*, falada com frei Luís de Granada: metade para a Companhia, da igreja para a horta; e deixar a parte que era dos noviços para os clérigos.

É feita depois uma descrição do Colégio, em espanhol, a partir do fólio 213. Tinha 20 câmaras e igreja, muito pequena, apontando-se uma justificação para essa dimensão inicial: seria tão pequena, e entre duas escolas, por decisão do padre, que entendia que era mais útil pregando e confessando noutras igrejas. No entanto, o edifício é descrito como sendo muito belo e sumptuoso, com os seus mármores, possuindo uma cisterna muito grande e água viva noutra parte, bem como terreno para fazer horta grande, quatro vezes maior que a existente no Colégio de Roma. Interessante, pois, o discurso, optando pela comparação com instituições congénères.

Este documento refere ainda que o sítio e o edifício haviam sido descritos por Bustamante, arquitecto, passando por ele<sup>4</sup>. É feita depois uma pequena história do surgir do edifício, já no fólio 214, relacionando as suas origens com uma das estadas de D. João III em Évora, acompanhado por padres da Companhia, Manuel Simão e Manuel Fabio. Terão ficado inicialmente numas casas junto ao hospital durante c. de um ano, pregando e confessando, dispersando-se depois por Portugal, Índia, Itália e Castela. Instalaram-se depois, já com petição do cardeal D. Henrique, junto à Misericórdia de Évora, para iniciarem um Colégio, até que se mudaram para o Paço Real, junto a S. Francisco, onde leccionaram durante c. de 3 anos.

Por esta altura, o Cardeal D. Henrique investiu na construção do Colégio para a leccio-nação de aulas, a que acrescentou as Artes. Mandaria ainda aumentá-lo, sendo que a obra terá custado mais de cem mil cruzados, de molde a fazer Universidade, com 3 lições de Teologia, 2 de casos, 7 de Latim (ou seja, c. de 13 espaços/salas de aula), além dos claustros, dormitórios e oficinas; todos os anos se começava um curso de Artes, com duração de 3,5 anos. Havia também 2 mestres, um que ensinava a ler e outro a escrever. Segundo esta fonte, o número de estudantes seria de 800, além dos 300 meninos que aprendiam a ler e a escrever.

<sup>4</sup> Tratar-se-á de Bartolomeu de Bustamante, arquitecto jesuíta espanhol, decisivo na fundação e escolha do local do colégio de S. Lourenço no Porto. Visitou na companhia de S. Francisco de Borja vários colégios jesuítas em Espanha, como o de Alcalá. Acrescenta o documento que "(...) Ya dentro de la Compañía, se le cita en 1553 con motivo de la iglesia y convento de Medina del Campo; en 1556 en el Colegio de S. Pablo de Granada; en 1562 con motivo de la traza del Colegio de Trigueros y también con los proyectos de los colegios de Villarejo de Fuentes y de Cádiz; en 1565, con motivo de la Casa Profesa de los jesuitas de Sevilla, hoy Universidad, y ya en 1567 en los Colegios de Caravaca y de Segura de la Sierra. Su influencia fue grande, aunque las renovaciones de las iglesias jesuíticas en los s. XVII y XVIII han desfigurado la mayor parte de sus obras y oscurecido su importancia como arquitecto religioso. (...)", houve ainda um João de Bustamante, discípulo de Monnegro, que continuou, por morte deste, as obras no Escorial por ordens de Filipe II de Espanha.

O mármore era uma presença constante no edifício (colunas das varandas, claustros e aulas), sendo descrito como muito perfeito e embelezado pelas fontes que perenemente corriam nos claustros (de água muito boa, da mesma que bebe em toda a cidade), havendo ainda mais três fontes em diversos lugares da horta. Com o crescimento do número de religiosos, o Cardeal mandou acrescentar à obra inicial outro pátio com 41 câmaras (no alto e baixo), com uma fonte de mármore no meio, custando-lhe esta parte da obra c. de 10 mil cruzados. Era altura de se fazer nova igreja, descrita como quase acabada, com capelas por baixo e tribunas por cima, de abóbada única, com aplicação de mármore branco e negro, orçada em c. de 30 mil cruzados; a esta obra, segundo este documento, juntar-se-iam ainda o Refeitório e a Portaria, por ordem do Cardeal, consumando-se o Colégio no seu conjunto.

O Arquivo Distrital de Évora fornece-nos informação complementar, sobretudo no Livro 6º dos Originais da Câmara<sup>5</sup>. Trata-se da referência, em Janeiro de 1565, da construção de um dormitório novo no Colégio por Manuel Pires, mestre-de- obras do Cardeal. Como esta construção ficava muito próxima da porta da traição do castelo (e da barbacã), a porta deveria ser mudada, pois os estudos no Colégio não poderiam ser perturbados. No documento, o Cardeal D. Henrique, dirigindo-se aos vereadores da cidade de Évora, juiz e procurador, aponta o facto de que havia um caminho público, que passava ao longo da barbacã e do muro de recolhimento do Colégio; esse caminho causava grande inconveniente aos religiosos e aos seus estudos, não podendo também os religiosos servir-se das janelas sem serem vistos. Acrescenta ainda o Cardeal que, além de barulhento, o caminho era frequentado por gente pouco formada, que falava “cousas desonestas”, devendo ser traçado de acordo com as sugestões de Manuel Pires. Na mesma fonte, alguns fólios depois, em Março de 1565, o Cardeal confirmava a informação, solicitando licença à Câmara para a alteração do caminho, dada a construção do novo dormitório no Colégio.

A sequência dos fólios no Livro 6º dos Originais da Câmara, que temos vindo a citar, não obedece a uma ordem cronológica; desta forma se explica que em fólios posteriores aos que temos vindo a citar surja, no fólio 332, um documento de 1564, passado em Lisboa, e no qual o cardeal D. Henrique apresentava Manuel Pires à Câmara de Évora e aos representantes da cidade enquanto cavaleiro de sua casa e mestre das suas obras, informando também que o mandara fazer algumas intervenções tanto no Colégio do Espírito Santo como no mosteiro de Jesus de Valverde. Para essas intervenções o mestre precisava de algumas estruturas de apoio, como fornos de cal, solicitando o cardeal o favor e a ajuda dos responsáveis locais para que não obstaculizassem a feitura dessas obras não consentindo na construção das citadas estruturas de apoio.

<sup>5</sup> Cf. Anexo 1.

Onze fólios depois (fl. 443), no mesmo Livro da Câmara, temos um importante documento para a história do Colégio do Espírito Santo, datado de 1554. Trata-se do alvará de D. João III concedendo um anel de água do Aqueduto da Água de Prata para o Colégio: “(...)avendo/Respeito aa necessidade que o seu collegio que elle [cardeal D. Henrique] mandou fazer/ nessa cidade Jumto da porta do moinho de vemto tem dagoa e que/remdo fazer graça e mercê por esmolla ao reitor e collegiaes/ do ditto collegio que do canno da agoa da prata se lhe dee aquella/ cantidade dagoa que couber por hum buraco Redondo do tamanho/ como este que nesta carta vai figurado que he hum circullo branquo/ metido em hum quadrado preto (...).” É desenhado o diâmetro do cano no documento, ficando bem expressa a acessibilidade ao aqueduto, bem como salvaguardada a hipótese de verificação da licença régia: “(...) E pera/ que em todo tempo se possa visitar e ver se estaa o dito buraco com/forme ao sinal e circullo desta carta e se possa tapar e destapar/ quamdo for necessário se fará hua mai omde a dita agoa emtrar/ ao canno do collegio com sua porta e fechadura e a chave della/ se emtreguara a quem tuer cargo do canno gramde da agoa da prata/ e da dita arca pera o collegio Iraa todo o dito canno gramde per debaixo/ do chão que não faça danno aas Ruas e vizinhos dellas e a dita/ agoa se lhe dara comtinuadamente asy de dia como de noute (...).” A quantidade de água a que o Colégio tinha direito deveria ser vigiada pelo juiz, vereadores e procurador da cidade, ficando o documento régio original para o Cartório da Câmara, devendo ser entregue uma cópia ao reitor e colegiais do Espírito Santo.

No que respeita à Biblioteca Pública de Évora, detivemo-nos particularmente no Código CX/1-17, peça 5, atendendo especialmente a elementos que favorecessem a compreensão da evolução do espaço edificado do Colégio<sup>6</sup>. Segundo este documento, a intenção do Cardeal era fundar um Colégio ou Seminário para formação de párocos no seu arcebispado, sendo que, no momento em que possuía a planta, como em Évora não havia ainda escolas, iniciou a sua construção em Coimbra. Porém, tendo avaliado que apenas com um Colégio em Évora asseguraria a formação de Mestres para um Seminário, alcançou novas bulas apostólicas para a sua edificação em Évora, bem como a afectação das rendas do de Coimbra (dízimos e frutos da Igreja de Santa Marinha do Zêzere, no Bispado do Porto).

Alcançou licença régia para que o edifício se pudesse edificar sobre o muro fernandino da cidade (percurso entre o paço dos Condes de Basto e a cerca). O núcleo inicial, para os religiosos da Companhia foi constituído por 15 celas (piso de cima), e suas oficinas (piso de baixo), com capela e um claustro quadrado. Na intenção de juntar colegiais e mestres, o cardeal pensou em expandir o edifício: completou o claustro existente (lado nascente), dispondo do dobro das celas (15 para colegiais e 15 para mestres). Por esta altura,

<sup>6</sup> Transcrito no Anexo 2.

deslocou-se a Évora o infante D. Luís, irmão do cardeal, que discordava do facto de os colegiais (seculares) partilharem espaços com os religiosos, a quem eram exigidos mais re-colhimento e clausura; opinava, assim que todo este edifício inicial devia ser para os religiosos devendo o Cardeal assegurar novo edifício para os colegiais.

Em 1554, o Cardeal entregou todo o edifício aos religiosos que até então viviam no Paço Real a par de S. Francisco, e comprou todo o espaço envolvente (terra e hortas, com abundância de água), que mandou murar, sendo apontado no documento o número de 20 religiosos que terão começado a habitar o Colégio em 1556, aumentando nos anos seguintes, dependendo o seu sustento directamente do Cardeal D. Henrique. Uma indicação importante diz ainda respeito à Biblioteca, sendo que o provimento de livros foi assegurado tanto por doação pessoal do Cardeal como pelos que adquiriu na Flandres. As atenções do Cardeal ter-se-ão de seguida virado para os aspectos construtivos do edifício e seu embelezamento: nova igreja e sala dos graus, descrevendo o documento minuciosamente o seu recheio (temática dos quadros e azulejos, natureza dos materiais), fontes (no claustro, botica, cozinha, refeitório e lavatório comuns), cisterna, instalações ligadas á administração e gestão (casa do despacho do Prefeito, casa do escrivão da matrícula, casa dos despachos do Cancelário). A história do crescimento do Colégio do Espírito Santo, sobretudo com as novas instalações, como a igreja (que foi alargada também a pedido de um grupo de mulheres nobres de Évora, que dada a exiguidade do anterior espaço não podiam assistir à Eucaristia dos Padres da Companhia) implicaram alterações no espaço ocupado pré-existente, de que é exemplo o Recolhimento do Salvador, de religiosas da Terceira Ordem de S. Francisco, que viviam em comunidade, sem clausura. Ali se haviam instalado, junto de uma ermida chamada do Salvador, sendo que lhes foi oferecida pelo Cardeal nova residência, ao fundo da Rua do Espírito Santo (onde depois se viria a instalar o Recolhimento de Santa Maria Madalena). O fecho da abóbada da igreja do Espírito Santo ficou pronto em 1572, demorando a obra c. de 7 anos, passando-se depois à parte da sua decoração<sup>7</sup>. Em 1575, ainda segundo o documento, terá tido início a galeria do Claustro grande, um dormitório e o refeitório, minuciosamente descrito em termos de dimensões e de materiais usados<sup>8</sup>: “(...) Isto he o q. deixou feito S.A. E he o melhor do Col/Legio, despois de sua morte se fez o corredor da por/taria q. edificou o P.e Christovã de Gouuea, a sacris/tia noua q. fez o Pe. P.o Nouaes, o corredor nouo dos / Mestres q. fez o P. Hieronymo dias, a noua capella / dos Irmãos q. fez o Pe. Ant.<sup>o</sup> de Abreu, a Livra/ria noua q. fez o P.e M.el Fagundes, E acabou E or/nou o Pe. António de Souza, Levantando o corre/dor q. esta junto della, E finalmente a capelinha / de N. S.ora q. fez o P.e P.o de Britto, sendo Reytore do Collegio. (...)”.

<sup>7</sup> Segundo o P. António Franco, a obra ter-se-ia iniciado em 1567 e a primeira eucaristia aconteceu em 1574.

<sup>8</sup> Esta informação é partilhada pelo P. António Franco, que escreve que em 1575 o Cardeal veio morar para o Colégio, tendo acabado a igreja nova, e dando lugar ao corredor onde está o Refeitório, no Colégio chamado *gallaria*, obra Real, feita a exemplo de Coimbra; em 1578 já estava toda emadeirada e coberta de telha.

Para a história do Colégio do Espírito Santo, embora não especificamente sobre a evolução do espaço edificado, a Biblioteca Pública de Évora dispõe ainda de um pequeno fundo documental consagrado ao Colégio. Aí constatamos, em 1760 (Livro 4, Peça 29) a existência de uma despesa na condução de 126 fardos de livros para Lisboa idos do Colégio (126 fardos de livros em papel a 50 réis por arroba 31.500 réis, mais o frete de barco para Lisboa). Em Lisboa, os livros seguirão para o Principal D. Thomas de Almeyda, e daí para o Hospício da Cova, sendo que num dos recibos diz que chegaram ao Hospício apenas 93 fardos.

Em Outubro de 1769 (Livro 5, peça 351), dez anos depois de expulsa a Companhia de Jesus, D. José, ordenou que se fizesse um Inventário dos títulos e papéis pertencentes ao Colégio, bem como de jóias, peças de ouro e prata. O tesoureiro-mor do Erário Régio, a 15 de Novembro desse mesmo ano, apresentou a relação de todas as peças existentes no Colégio (no noviciado, na universidade, na enfermaria, na capela do reitor, na capela da Modéstia, na capela do noviciado e sacristia, na casa da Boa Morte, e mais peças entregues pelo corregedor da comarca e administrador do Colégio, o Dr. Bento António de Sam-payo).

Em 1774 os livros do Colégio do Espírito Santo de Évora continuam a ser transportados para Lisboa: D. José, em 18 Novembro de 1774, solicita ao corregedor da Comarca de Évora que mande conduzir para a Alfândega da cidade de Lisboa, para irem para a Real Mesa Censória os livros do Colégio, depois de encaixotados. A 17 de Agosto de 1775, o Dr. António José de Sá, juiz de fora de Évora, servindo de corregedor da comarca, remeteu 154 caixotes de livros e 71 costais dos mesmos encadernados para a Alfândega, devendo daí seguir para a Mesa Censória; em 23 de Agosto de 1775 o escrivão da Alfândega os deu por entregues (Livro 5, peças 344 e 345).

Naturalmente, todo este espólio inventariado, bem como o seu destino, merecem um estudo aturado.

A secção de Cimelios da Biblioteca Pública de Évora oferece ainda outras fontes de informação sobre a instalação do Colégio da Companhia, como é o caso da obra do P. António Franco *História do Noviciado de Évora*<sup>9</sup>, de 1714. O edifício é apresentado como tendo crescido a partir de um núcleo central (as duas claustras, da botica e da cisterna, a primitiva igreja, e a habitação do Cardeal), que terá recebido os religiosos em 1554. No ano 1564 terá começado a ser construído o edifício do Noviciado, na cota mais alta do conjunto, junto à Porta da Traição, na raiz do castelo antigo da cidade. É descrito como tendo mais ou menos 100 palmos dispostos em quadra, confinando a nascente com o Colégio, a poente com uma serventia da cidade pela porta, a sul sobre um pátio da sacristia nova e

<sup>9</sup> Biblioteca Pública de Évora, N.Res. 403.

pelo norte caem as janelas dentro da cerca do Colégio; com dois andares, janelas para o pátio, com fonte perene de mármore com água de prata e muitos canteiros de flores. No andar de baixo, ficavam os irmãos que acabaram o noviciado, os chamados irmãos de recolhimento, sendo que o número de noviços oscilava entre os 15 e os 20 (em 1572, chegou a contar 36).

Para a história do Colégio do Espírito Santo e da sua dimensão enquanto Universidade, a Biblioteca Pública de Évora oferece-nos ainda um excelente acervo, de que destacamos: o Códice CV/2-15 – *Privilégios da Universidade de Évora*; os Códices CVIII/1-20, CX/1-17, CVIII/1-36, Armº X, Códice 6 – *Regimentos do almotacel, do escrivão, do conservador, do reitor e dos conselheiros*; o Códice CXXX/1-2 – *Resumo das Inquirições (1602-1672)*; o Códice CXXX/1-1 – *Entradas no noviciado*; o Códice CXXX/1-4 – *Grau dos Bacharéis*; os Códices CXVI/2-18 e CXIX/1-7 – *Jurisdição da Universidade de Évora*; o Códice CIX/1-13 – *Protesto da Câmara contra a jurisdição da Universidade; Rendas do Colégio*; o Códice CIX/2-13 – *Miscelânea*: peça 53: rendimentos dos colégios, particularmente Évora, 1613; o Códice CVIII/2-7 – *Miscelânea Jesuítica*; o Códice CX/1-17 – *Inventário dos Papéis do Colégio*; o Códice CIV/1-39 – *História do Noviciado de Évora*, P. António Franco; o Armº X, Códice 1, P. 27 – *Tomada do Colégio pelos irmãos da Penitência, 1776. Contém inventário de bens* e ainda o Códice da Manizola 557 – *O Colégio do Espírito Santo e a Abadia se Santa Marinha do Zêzere*. Novos olhares sobre esta documentação, algumas vezes já estudada, poderão trazer sempre elementos que enriqueçam não só a história da instituição como da própria cidade de Évora.

A implantação do Colégio do Espírito Santo e a ocupação do outeiro da cidade que confinava com o castelo medievo não pode ser dissociada do surgir do Colégio da Purificação. Instituições coevas muito ficaram a dever a um mecenazgo comum, o Cardeal-rei; ligadas à formação do clero arquidiocesano e nacional, são também construções vizinhas, que se afirmam num novo espaço da cidade de Quinhentos ligado à formação intelectual. Com efeito, em Outubro de 1577 tiveram início as obras de pedraria e alvenaria no Colégio da Purificação<sup>10</sup>: “(...) no anno do / nascimento de nosso senhor Jesus christo de mill e quinhenhos e setenta e sete Annos aos uinte/ e dous dias do mês de outubro da dita hera/ em A cidade devora demtro no collegio/ desprito samto da companhia de / Jesus estando ahi presentes os pa/dres sillvestre jorge e Gonçalo luis e dio/go de llemos todos da mesma companhia os quais padres a esto entrevieram/ em nome como procuradores q sam do/ cardeall ifante (...) estavão / comcertados com o dito Jerónimo de to/res sobre a obra do collegio de nosa senhora/ da purificaçam q o dito senhor manda/ fazer nesta cidade Junto ao dito co/llegio E esto polla maneira seguinte/ convem a saber q elle jeronimo de torres se/ra obrigado fazer

---

<sup>10</sup> Documento transcrito no Anexo 3.

toda a pedraria/ e allvenaria alitta e baixa polos preços /abaixo declarados Item fará toda a obra / dos portais e janellas asi do am/dar de baixo do dito collegio como de / cima cada pallmo de paramento cavado/ de picam a vinte reis e sendo lavados/ e limpos descada a vinte e cinco reis/ e medir a dita pedraria desta / maneira convem a saber q tudo q for cava/do e parecer della depois dasemtado/ se medirá aos pallmos da superfícia/ como se costuma medir o ladri/lho e em paguo do asento q elle dito je/ronimo de torres fará a sua custa (...)”<sup>11</sup>. Efectivamente, a reconstituição da evolução arquitectónica do Colégio do Espírito Santo não pode ser dissociada deste espaço, nem vice-versa: temos a existência de espaços comuns, de caminhos partilhados, as cedências recíprocas a nível de espaços físicos. Daí que a informação contida neste documento sobre a instalação *física* do Colégio da Purificação nos tenha merecido especial atenção, procurando cruzá-la com outras fontes que se debruçam sobre a questão da evolução desse espaço edificado<sup>12</sup>. O livro da despesa das rendas do Colégio da Purificação sumaria as despesas com as obras, materiais e mão-de-obra a partir de 1577, sendo que Jerónimo de Torres se encarregou dessas mesmas obras a partir de 1578. Assim, para além da pedra, cal, areia, tijolos, telhas, canos, madeira, ferro e aço, destaca-se a mão-de-obra: em 1577, eram 153 oficiais e 936 servidores, passando em 1578 esse número para 1326 oficiais e 1515 servidores e em 1579 para 1990 oficiais e 12093 servidores (sendo destes 11047 à conta do mestre de obras). Nestes anos iniciais a maior despesa centrava-se nas carradas de alvenaria e nas carradas de pedra. Em 1580 o número de oficiais sobe para 2034, constituindo a maior despesa, descendendo o número de servidores, indicando um trabalho mais especializado a nível de acabamentos, tendência que se mantém no ano seguinte, embora decresça ligeiramente o número de oficiais (1709).

Para a história do Colégio de Nossa Senhora da Purificação, e a um outro nível que não o da evolução do espaço físico, a Biblioteca Pública de Évora possui ainda no seu espólio códices como o Códice CVIII/1-20 – *Estatutos do Colégio*, o Códice CIX/2-13 – *Rendimentos do Colégio* e o Códice CVIII/1-35 – *Juramento no Colégio*.

Embora a maioria destas fontes seja bastante pormenorizada, inclusivamente no que respeita às cronologias das diferentes etapas da evolução do complexo, como acabámos de demonstrar, a maioria das fontes – a totalidade cuja datação está confirmada, por isso testemunhos mais fiáveis – não é coeva da primeira fase de construção, foram redigidas nos séculos XVII e XVIII. Logo, baseiam-se, também elas, na documentação e nas crónicas a que os seus autores tinham acesso nas bibliotecas e arquivos de conventos e mosteiros. Uma das primeiras e mais árduas tarefas é a de comparar criticamente este conjunto de fontes.

<sup>11</sup> Arquivo Distrital de Évora, Notarial 193, fl. 110.

<sup>12</sup> Biblioteca Pública de Évora, Códice CXXX/1-7, *Livro da despesa das Rendas do Collegio da purificação de N. Sora*.

## Análise e Interpretação

Outra das dificuldades é o facto destas fontes serem descrições narrativas abstractas, muitas vezes com imprecisões e lacunas, e orientadas a partir de referências urbanas, paisagísticas e topográficas entretanto profundamente alteradas ou mesmo desaparecidas. Estes condicionalismos podem conduzir à definição de hipóteses arquitectonicamente incongruentes, quer na inter-relação entre os diferentes corpos da edificação, quer em relação às características do espaço em que está implantado. Atenda-se, por exemplo, à diferença de cota do nível do terreno do pátio dos Gerais e do vão das portas das salas de aula se o claustro não existisse; à datação mais tardia do levantamento da arcada do piso superior dos corpos que ladeiam a Sala dos Actos – obriga a que inicialmente houvessem janelas no lugar das portas que actualmente dão acesso às salas; às casas que existiram nas proximidades do colégio e que foram demolidas devido ao levantamento da Igreja do Espírito Santo; e à alteração do caminho que medeava a Igreja do Espírito Santo e a primeira cintura de muralhas, a parcela que serve de base ao Palácio dos Condes de Basto.

Quando as fontes são totalmente silenciosas em relação a algum aspecto, existe ainda a possibilidade de fazer uma reconstituição com base num critério analógico ou estilístico. Ou seja, utilizando enquanto referências comparativas, como modelos, outros edifícios com a mesma tipologia, da mesma época, dentro da mesma configuração estilística e pertencente à mesma ordem religiosa (não tem que obedecer à todos estes critérios), como os colégios jesuítas de Coimbra, Navarra e Paris. Deste modo poderemos chegar a hipóteses de reconstituição da fachada da igreja que existiu no lugar da Sala dos Actos até à construção da Igreja do Espírito Santo, descrita em algumas das fontes supracitadas com frontão triângular e três frinhas, que poderiam ser pequenas janelas ou nichos de acordo com os modelos vigentes nas fachadas das igrejas da mesma época, mesma geografia e mesma ordem. É neste exercício de total reconstituição que inscrevemos o *capriccio* enquanto metáfora visual experimental.

### *Capriccio*

O *capriccio* é uma imagem que combina elementos totalmente imaginados com representações mais rigorosas e verossímeis das referências da realidade que servem como modelo. Leva o exercício da reconstituição ao limite das suas potencialidades, à recriação. Ao fazê-lo, destaca e torna visualmente perceptível a ideia ou o conjunto de ideias que antecederam e deram origem aos edifícios em causa. Liberta as edificações dos factores concretos que condicionam, na prática, a construção e que normalmente afastam a ideia do

corpo arquitectónico que a configura. Daí falarmos em idealização. Essa idealização torna-nos visualmente conscientes dos conceitos arquitectónicos por de trás de uma determinada edificação. Essa consciência é uma ajuda fundamental para recriar os elementos que desaparecem sem deixar qualquer memória da sua existência material. Assim poderá suceder, como vimos, com a recriação da fachada da primeira igreja do colégio, da qual não temos qualquer registo iconográfico. Situação semelhante é a verificação gráfica da possibilidade de terem sido planeados mais quatro colégios e um hospital, nunca concretizados.

### Considerações Finais

A aplicação do conceito de *capriccio* a uma proposta de reconstituição gráfica do processo histórico de edificação dos colégios que constituem o complexo da Universidade de Évora e a sua articulação com a investigação documental e iconográfica permite que o projecto atinja um novo patamar e se constitua em laboratório de experimentação de um modelo de investigação. Desse modelo de investigação destacamos as suas potencialidades no que respeita à análise dos efeitos do tempo – das alterações sociais, culturais e políticas ocorridas num intervalo de tempo longo – numa determinada realidade arquitectónica e à reflexão acerca da distinção entre a ideia subjacente ao objecto arquitectónico e o objecto arquitectónico em concreto que configura a ideia. Ou seja, a distinção entre a ideia abstracta de como devia ser a arquitectura de um colégio jesuíta que pautou a construção do edifício da Universidade de Évora e as alterações ali introduzidas do século XVI ao século XVIII e as características morfológicas, materiais e estéticas da edificação efectivamente construída.

## ANEXO 1

### Arquivo Distrital de Évora

#### Livro 6º dos Originais da Câmara, Fls. 328-330; 332; 443

Construção de um dormitório novo no Colégio, e como ficava muito próximo da barbacã e da porta da traição, Manuel Pires, mestre-de-obras, devia mudar a dita porta, para não perturbar reflexão e estudos.

Fl. 328

Juiz vriadores, e procurador da cidade Deuora, o Cardeal Iff.te uos/ enuio mto saudar, sou informado q. os padres da companhia da minha uniuersidade, e collegio dessa cidade recebem grande turbação e perjuizo di/ hum caminho q passa ao longo de barbacã que he muro de recolhimento do dito/ Collegio Junto do qual estaa o dormitório, e a maior parte das officinas caem / pera aquella parte, e sobre o dito caminho, o qual estaa tão perto de todas as / as Janellas q não pode pera alli passar nhua gente nem fallar causa que/ não seja ouvida dos ditos Religiosos, o q he grande inconueniente, e / desemquietação de seus estudos em que ordinariamente se occupão, nem os/ ditos Relligiosos podem sair as Janellas q não sejão uistos de todos, os / q. por alli passão, e como a dita servintia não he mui necessária, e por ella/ só sserue gente de pouca edificação, q cantão, e fallão couosas desonestas, que / podem ser causa de mtos deseruiços de nosso s.or. Por o q uos agardeçerei / muito quererdes remedear o sobredito ordenando como o caminho [roto] / lance per outra parte afastado da dita barbacã de mane[ra, roto] não possa fazer nojo aos ditos padres e pera q não aja lugar de [roto] /alli mais poderem passar folgaria mto que désseis licença q todo o ca/minho se possa tapar de parede alta da maneira que volo disser de / minha parte manuel pires , o q uos agradecerei muito fazerdes como de uos/ confio por ser causa de tanto servisso de nosso s.or como sabeis, e de que/ eu reçebo muito gosto, e contentamento. Dalmeirim, 10 de Jan.ro/ 1565. Balthasar da fonsequa a fez. O Car. Iff.te

Fl. 330

Juiz uereador, e procurador da çidade Deuora, o Cardeal Iff.te / uos enuio muito saudar; E mando fazer hum dormitório no Collegio/ do espiritu s.to dessa minha uniuersidade Deuora, e pera o edifício/ poder correr conforme a traça q. delle mandei fazer he necessário/ tomarse algua parte do caminho q. uai da porta da traição / pera o Collegio, e mudarse a dita porta, o que manoel pirez/ meu mestre das obras uos dirá mais largo de minha parte/ agradeceuosei muito dardes licença pera isso, e ao dito / manoel pirez q o possa fazer, E porq confio q tudo o que / uos encommendar folgareis de fazer de boa uontade uolo /não encarrego mais. Dalmeirim. 16 de Março 1565. balthasar da fonsequa a fez .O Car. Iff.te

Fl. 332

Juiz Vreadores E Procurador da cidade deu.ra o Cardeal yfamte/Vos enmuio muito saudar eu tenho mandado a manoel pirez/ caualeiro de minha casa E mestre de minhas

obras q faça certa / obra no colégio do esp.to sancto desa cidade e no most.ro de / Jesu de ualuerde. E Por que pera a dita obra tem necessidade/ de muita cal e ora são emformado que tem mandado fazer /hum forno dela que estaa pera se cozer. Vos encomendo q asy/ este forno de cal como qualquer outro q mandar fazer pera / as ditas obras lho não tomeis nem consintais tomar: E a / todas as mais cousas que lhe neçesarias forem pera a dita/ obra lhe deis todo fauor E ayuda que lhe de voos comprir./ Como comfio que faresi: E de o asy fazerdes Receberei com/tentamento E volo aguardeçerey muito. es.pta em lx.<sup>a</sup> a / xxbj dias do mês de setenbro xpouão da costa a fez anno/ de 1564.

Fl. 443

Juiz, vereadores e pp.dor da cidade deuora eu ell Rey uos emuio/ muito saudar. eu ej por bem e me praz por mo pedir o cardeal/ Inffmte dom amrique meu muito amado e prezado Irmão e avendo/Respeito aa necessidade que o seu collegio que elle mandou fazer/ nessa cidade Jumto da porta do moinho de vemto tem dagoa e que/remdo fazer graça e mercê por esmolla ao reitor e collegiaes/ do ditto collegio que do canno da agoa da prata se lhe dee aquella/ quantidade agoa que couber por hum buraco Redondo do tamanho/ como este que nesta carta vai figurado que he hum circullo branquo/ metido em hum quadrado preto:

(desenho)

A qual agoa lhe daraa do dito canno naquelle parte delle q. / mais comueniemte for pera se melhor poder leuar ao dito/ collegio e farseha hum canno de metal de comprimento de tres/ palmos que tenhão vão do buraco tamанho como o dito circullo/ o qual buraco se faraa no dito canno todo de hum tamанho Igual/mente de hua parte aa outra e asentarseha ao liuel de maneira/ que não possa emtrar mais agoa pollo dito canno pera Ir ao dito / Collegio da que couber pollo vão delle emtrando ao liuel. E pera/ que em todo tempo se possa visitar e ver se estaa o dito buraco com/forme ao sinal e circullo desta carta e se possa tapar e destapar/ quamdo for necessário se fará hua mai omde a dita agoa emtrar/ ao canno do collegio com sua porta e fechadura e a chave della/ se emtreguara a quem tuiер cargo do canno gramde da agoa da prata/ e da dita arca pera o collegio Iraa todo o dito canno gramde per debaixo/ do chão que não faça danno aas Ruas e vizinhos dellas e a dita/ agoa se lhe dara continuadamente asy de dia como de noute em/quamto o eu asy ouuer por bem e não mandar o comtrairo e vos/ ditos Juiz e Vereadores e procuradaor que ora soes e ora em diamte/ fordes tereis cuidado de visitar cada anno a dita agoa e proue/reis nisso de maneira que não vaa ao dito collegio mais cantidade/ della da que lhe mando dar por esta minha carta a qual se poraa no / cartoreo da camara e toda boa guarda em si Registaraa no liuro/ Della e ao dito Reitor e collegiaes dareis o trellado e asinado por/ vos pera o terem pera sua guarda. Jorge da Costa a fez lixboa/ a xxx doctubro de mil e quinhentos cinquenta e quatro. Manoel da costa a fez escrever.

Rey.

## ANEXO 2

### Biblioteca Pública de Évora, Código CX/1-17 Peça 5

Fl. 6v.

Do edificio material do Collegio quando o começarão a pouoar os nossos Religiosos

(...) Ate aqui tratey das pedras fundamentaes em q. estriba / o edifício spiritual do Collegio de Evora; resta falarmos do edifício material, q. o sereniss.<sup>º</sup> Rey E Eminemtiss.<sup>º</sup> Cardeal seu fundador mandou edificar.

Os primeyros intentos deste Principe logo quando aceyt/ou o Arcebado de Evora foram erigir na mesma cidade hum / Collegio, ou Seminario de clérigos, em q. aprendessem as Le/tras necessárias pera co satisfação fazerem off.<sup>º</sup> de Parochos em seu Arcebado; E porq. Quando teue este desenho / não auia scholas nesta cidade intentou fazer o Collegio / na de Coimbra; alcançou Letras Apticas de união dos di/zimos e frutitos da Igreja de Santa Marinha do Zezere/ no Bpado do Porto pera sustentação do dito Seminario;//

Fl. 7

E tinha em Coimbra mandado Lavrar o edifício p.<sup>a</sup> ha/bitação dos Collegiaes. Mas vendo q. se fundasse na sua cid.e / Collegio da Comp.<sup>a</sup> nelle podia haver Mestres pera o seu Semina/rio desistio do primeir.<sup>º</sup> intento, mandou parar o edifício já / começado em Coimbra, E applicouse todo ao q. em Evora de/terminaua edificar; alcansou novas Bullas de transferen/cia pera applicar a este, as rendas q. estauão applicadas ao / primeir.<sup>º</sup>. Ouve tambem L.ca del Rey pera Levantar o edifi/cio sobre hua parte do muro da cidade q. corre dos paços dos Con/des de Basto ate voltar sobre a porta q. chamão de Machede/ descendo sempre contra o Nordeste: sobre este muro se edifica/ram quinze cellas no andar mais alto, E nos baixos as offici/nas necessárias, com hua claustra quadrada, E sua capella/ onde os sacerdotes podesse dizer missa, E os q. o nã fossem a/ ouvissem. Nem depois de trazer os Religiosos da Comp.<sup>a</sup> de/sistia da tençao de ter juntamente co elles os seus Collegiaes, / por isso tratou de estender o edifício em forma q. todos vivesse(m)/ no mesmo Sitio; a essa conta mandou Laurar Hum quarto da / parte do nascente acompanhasse a claustra, co cellas de hua / e outra parte, E viesse fazendo quadra polla parte do meyo/ dia entestando co o lanço q. primeir.<sup>º</sup> fizera sobre o muro da / cidade, E ficou tendo todo o edifício, trinta cellas a metade / p.<sup>a</sup> os da Comp.<sup>a</sup> E outra pera os Seminaristas; veyo a Evora / nesta occasião o iffante Dom Luis seu irmão, e vendo a fa;brica do novo edifício, approvou a traça delle; mas não o / intento de ajuntar os Collegiaes seculares co os Religiosos/ q. professão mais recolhimento, E clausura, E lhe seria p.<sup>a</sup> elle/ impedimento tanta vizinhança co seculares, pello q. era de / parecer q. sua A. desse todo o edifício aos Religiosos E q. / pera os Collegiais, faria outro correndo o tempo.

Contentou ao Cardeal iffante o parecer de seu irmão/ E não quis dar o edificio todo pera nossa habitação, mas ou/ve Bullas do Papa pera as rendas applicadas ao Seminario / se transferirem aos Religiosos da Comp.<sup>a</sup> E chegado o anno de / 1554 fez entrega de todo o edificio aos q. ate então vivião/ num quarto dos Paços reaes, comprou no mesmo sitio ter/ra e hortas, com agoa em abundância, E o cercou todo o sitio / com muros [à margem: convenientes] pera a clausura Religiosa; mandando plantar //

Fl. 7v.

toda a sorte de arvores de fruito, E outras pera frescuras / com o cuydado, q. hum pay muyto sollicito o podia fazer p.<sup>a</sup> / hu filho unico a q.muito amasse, nem nos falta funda/mento pera usar desta comparação, pois sabemos q. este / Principe chamou ao seu Collegio de Evora o filho primogénito / em hua occasião , em q. lhe pedião certo fauor pera o de / Santo Antão de Lisboa (q. tambem o reconhece por seu / fundador). O Collegio de Santo Antão respondeo S.A. he/ o de Evora he o primogénito, como se dis/sera a ambos amo como a filhos se bem hum foy primeyro q. / o outro no amor E nos favores.

Nam ouve quem apontasse a Solennidade com q. / se tomou a posse do novo Collegio, mas he certo q. se dedi/cou com festa, nam so de repiques, E armações quando nelle/ se disse a primeir.<sup>a</sup> missa, E se levantarão altares, com mu/sica da See, mas concorrião pera ella os quatro Mestres/ de Latim ho de casos de consciência, co seus discípulos/ com poesias q. se poseram em publico, em louvor da festa / E em reconhecimento da Mercê q. Sua A. fizera aa Comp.<sup>a</sup> como era devido ao amor E liberalidade deste Principe.

Cursavão já neste tempo no geral dos casos trinta E/ sinco sacerdotes, vinte delles tinhão de esmolla ordinaria q. sua A. Lhe mandava dar vinte E sinco Cruzados cada / anno pera se sustentarem nos mezes de estudo, o Lente/ era o Pe. Marcos Jorge, a Rhetorica Lia o Ir. P.<sup>o</sup> de Per/pinhão, as tres de grammatica os Irmãos Joam de Mello/ Francisc.<sup>o</sup> de Mo-raes, E outro. O numero dos nossos q. começa/ram a habitar, o Collegio era de 20 ate o anno de 1556./em q. crescerão mais sinco, pera estes consignou sua Alteza/de sua fazenda cada anno vinte moyos de trigo E/ dez de cevada, E em dinhr.<sup>o</sup> sincoenta Cruzados cada/ mez.

Seruia de refeytorio a casa em q. oie esta o Lauatorio/E parte da Rouparia. E de Li-vraria seruio mto. tempo/ a q. oie serve de disputas ate se fazer a nova q. oie te/mos. Pera o provimento de livros, fez Sua A. doação/ dos seus ao Collegio, E mandou vir de Flandres grande/ quantidade delles, q. todos se acomodarão em Estantes//

Fl. 8

E repartimentos conforme as facultades a q. pertencião.

Apos isto se applicou de proposito a fabricar pera Igr.<sup>a</sup>/ a sala q. oie serve pera os graos da Universidade/ e feyto o edifício, com seu alpendre lhe mandou Lavrar / tres portas de mármore Lustrado, E pera maior magestade/ se sobe pera ella por 6 degraos da largura

da mesma Igr.<sup>a</sup>/ q. na alvura competem com a da branca neve; na fron/taria tem hua janella rasgada porq. Lhe entre a luz do / nascente q. a fazia bastamente clara, ainda q. lhe faltasse a das 3 portas, E outras tantas frestas grandes/ com suas vidraças porq. lhe entra a luz do meyo dia./ mandou levantar nella 3 altares, E pintar os re/tavolos delles pollo oficial de maior nome daquelles/ tempos como testemunhão as obras q. há no Reyno de / sua mão. Ainda se conservão no Collegio, o da vinda do /Espírito Santo q. esta na mesma sala q. foy Igreja, o da / Circuncisão q. esta na capella dos enfermos o da / adoração dos Reys q. esta na capella das confrarias/ o do descimento da Cruz q. esta na Enfermaria/ Real, E o de Christo crucificado q. está na capella da / quinta de Valbom.

Assi como foy crescendo o Collegio em numero/ de Religiosos estendia a mão Liberal o Cardeal infante/ pera lhe estender o edificio, E ajudou mto. pera o fazer / ter visto a traça E edificio do Collegio de Coimbra fundado/ pello Serenissimo Rey Dom joam 3º com magnificen/cia real, mandou logo traçar hua claustra de/ ....(não está) covados de cumprido, E .... de Largo com suas va/randas peras as quaes se sobe por escadas de marmore/ de 7 degraos, estribão as varandas E seus arcos em /.... de mármore fino Lustrado com suas bases / e capitéis do mesmo, em cada hua de altura ... palmos / e de grossura em circuito .... Servem estas varan/das pera se recolherem os Estudantes emquanto se / não entra nos geraes das faculdades, E nas classes/ q. todas tem seus portaes de marmore, E estribão //

Fl. 8v.

Sobre outras colunas do mesmo, E são por todas/ Em todos os geraes há assentos de encosto de bordo/ bem lavrado, E desta madeyra são tambem as / cadeyras. São as casas capazes e claras e bastan/tes pera 8 cadeyras de Latim, quatro de Philo/sophia, E duas de theologia, com casa de des/pacho pera o Prefeyto, E outra pera o Escrivão/ da matrícula, E despachos do Cancellario; E/ mais duas pera as scholas dos mininos q. apren/dem a ler e a escrever.

No meyo deste grande pateo esta hua/ fermosa fonte de marmore com duas taças cuias/ agoas caem em hum tanque quadrado, em tal pro/porção q. delle possão beber nas taças os estudantes / pera isso, esta sempre correndo nella a agoa da / prata, de q. o Collegio tem hum anel, em Lugar/ donde pode ir a esta, E outras fontes q. tem E ás /officinas da Botica, cozinha, refeytorio, E aos La/vatorios comus, e ultimamente hua fermosa cis/terna onde se conserva todo o anno, E donde se po/dem regar as hortas e laranjaes da cerca.

Faz outro Collegio sobreys a obra do Novi/ciado q. fica coniuncto à nova Igreja, E he hua/ quadra perfeita, E tem no andar de bayxo 20 / cubículos, E no de sima os mesmos entrando neste nu/mero, as capellas, E outras casas pera serviço da comu/nidade. No meyo tem esta claustra hua fonte de marmore. [na margem tem o seguinte: Respondem no interior do Collegio a este pateo da U.de os dous q. chamão da Botica E enfermarias os quaes divide a salsa dos actos publicos q. fica entre ambos. No da Botica ha hua fonte feyta em forma piramidal de marmore co sua base em q. recebe a agoa q. della vay p.<sup>a</sup> as scholas. Nelle ha

fermosas aruores de Espinho q. dam fermoso fruto. He cercado por duas partes de dex columnas de marmore q. sustentão o tellado q. cobre a serventia q. por elle ha p.<sup>a</sup> a botica E enfermarias. No 2º há canteyros e hua fonte de marmore no meyo, co seu tanque cercado de varandas q. sustentão sobre 20 columnas a q. respondem no alto outras tantas todas de mármore co sua taça E tanque do mesmo.] E está repartida em canteyros pera flores/ da sacristia co muitos Limoeiros q. acompanhão/ as paredes da quadra; as janellas todas caem so/bre esta claustra, tirando as q. ficão p.<sup>a</sup> o poente/ q. caem sobre a cerca. Nas duas capellas há / excellentes pinturas na maior se venera o mystrº. / do nascimento de Christo, q. S.A. mandou fazer/ por hum insigne Pintor, as paredes ornadas com //

Fl. 9

Azulejos, E o tecto com impresas da vida da Virge/ Sor<sup>a</sup> Nosa. Na outra capella se venera hua ex/cellente pintura tirada polla q. pintou S. Lucas/ da Sora do populo, E por outro nome Santa M.<sup>a</sup>/ maior, q. foy doação do Santo Pe. Ignacio de Aze/vedo quando veyo de Roma, a q. todo o Coll.<sup>º</sup> / teve sempre grande devoção, E os noviços q. nelle/ se criarião a reconhecem por mãe, está o painel/ guarnecido de prata, E co seu retauolo, E boas / pinturas nas paredes q. tambem estão ornadas/ de azulejos. Acabouse esta quadra em Julho/ de 1568. E gastarãose nella 8 mil cruzados.

Como pera sitio da noua Igreja se comprarão/ alguas casas, E se mudou hum Recolhimento ou Mosteyro chamado do Sal/vador de Religiosas da 3<sup>a</sup> ordem de S. Francisco

Continuauão os nossos Religiosos do nouo Collegio com / os primeir.<sup>os</sup> feruores, exercitando os minist.os proprios de / nosso instituto, de confessar, pregar, E ensinar a doutri/na christã aos moradores da cidade de Evora, com / grande concurso à nossa Igreja, E com grande fruto/ de suas almas, porem nam se permittia entrarem nel/La mulheres por estar no interior do Collegio; E como/ nellas ha de ordinario mais deuoção, E propensão/ as cousas de piedade, hua das principaes da cidade/ se resoluteo a fallar por todas ao Cardeal infante E/ Esperandoo hum dia na See, lhe fallou, E meteo na / mão hua petição feita em nome das mulheres nobres/ da cidade, em q. pedião q. S.A. lhe fizesse M. de/ mandar edificar Igreja aos P.es da Comp.<sup>a</sup> E em q./ ellas, e as mães do pouo podessem gosar da sua dou/trina, ouvir suas pregações E confessarse co elles //

Fl. 9v.

pois em lhe prohibirem a entrada na q. de presente / tinhão, padeciam grande desconsolaçã, acceptou / sua A. a petiçã, E despois de a ler deu sua palavra/ q. elle lhe daria mto. bom despacho.

Teve este magnifico Principe pensamentos de / nos edificar Igreja da grandeza q. tem os Religio/sos de S. Francisco, q. he hua das maiores deste / Reyno, assi lho ouvio o

Pe. Jorge Serrão, com tudo/ foy mais acertado, o conselho de a mandar fazer/ na forma q. vemos tam acomodada a nossos minis/terios q. podia servir de exemplar às mais da Comp.<sup>a</sup>/ Mandou Sua A. ao seu architecto q. lha traçasse/ com hua claustra ou pateo q. ficasse entre ella E o no/viciado pera jardim do sacristão, abrirão/se os ali/cersses no anno de 1566. E ueyo a solennide./ da primr.<sup>a</sup> pedra o Arcebpo. D. Joam de Mello q./ trouxe consigo a capella da See, E charamellas/ no campo uizinho se preparou hum Altar ricamte. or/nado. Na pedra estaua sculpido o Santiss<sup>o</sup> nome de /JESU pera q. este seu templo material tiuesse o mes/mo fundamento q. o edificio spiritual da Igreja/ q. he fundada em Christo pedra angular; Em quanto/ se fazião as ceremonias se cantarão varias mote/tes, E versos q. por serem as vozes escolhidas causarã / ao pouo q. concorreo grande alegria.

Mas como o sitio q. a Igreja pedia avia de ser/ dentro dos muros da cidade nam podia ser capaz / sem se derribarem algus edificios della, comprarã/se alguas casas, E mudouse hum caminho q. estava / entre ellas e o Collegio. E em q. auia maior difficul/dade era em se achar habitação competente p.a/ huas Religiozas chamadas do Saluador q. neste /sítio viviam em comunidade, sem clausura, guar/dando a 3<sup>a</sup> regra do Serafico P.e S. Francisco //

Fl. 10

Em huas casas coniuntas a hermida q. ally ouve do sal/vador, q. estaua defronte da porta dos Estudos, E pateo / da Uniuersidade no canto da Rua q. ainda conserua / o mesmo nome.

Pera habitação destas freyras mandou S.A. com/prar no fundo da Rua do Espírito Santo huas casas/ e com effeito se mudarão pera elles, E são as em que / oie esta o Recolhimento de Santa M<sup>a</sup> Magdalena/ q. he de mulheres arrependidas penitentes q. vulgar/mente chamão Convertidas. Tendo primeir.<sup>o</sup> seruido/ ao Religioso Convento de freyras da ordem de S.ta / Clara, q. ally teue seus principios, E oje he hum dos / mais reformados E obseruantes deste Reyno; E/ conserva o antigo nome da Ermida do Saluador de/ cuja fundação fallaremos ao diante. O q. nos consta / dos papeys he q. custou a S.A. este sitio mais de 4 mil Cru/zados, E q. tinhão chegado a 90 mil o q. tinha gasta/do no edificio do Collegio, ate este tempo, não fallan/do no q. gastou na Igreja E outros edificios q. depois/ fez.

Corria a obra da Igreja com tanta pressa q. che/gaua a feria de cada mez a tres mil Cruzados, ain/da emquanto S.A. assistia na Corte com o governo do /Reyno, mas vendose Liure no anno de 1568 em q. o / entregou a El Rey D. Sebastião, q. tinha chegado a / 14 annos; se recolheo a Evora E se empregou todo / no augmento da Sua Igreja e collegio, pello q. em / 13 de Outubro do anno de 1572 Se acabou de / fechar a abobada do nouo templo, E em menos de / 7 annos se acabou hum edificio tam sumptuozo q. pode competir co os melhores do Reyno.

Acabado o material do edificio se attendeo ao / ornato delle, por remate do qual ordenou S.A. q. / por cima do tecto e abobeda se fizessem varandas de //

Fl. 10v.

de hua E outra parte com vista para a cidade e p.a / o campo pera alliuio dos nossos Religiosos, q. como / o (sic) amaua E tratava como filhos não perdia occasião / de lhe procurar dar gosto. E pera mostrar o m.to / q. tinha desta obra vinha hua E mais vezes no / dia visitar os officiaes q. nella trabalhauão, ani/mandoos ora com prémios, ora com louvores pera q. / se esmerassem na perfeição dellas.

Nam cessou nem se esgotou aqui a magnifi/cencia E liberalidade deste magnifico Principe/ no anno de 1575 deu principio ao edificio da q. /chamamos gallaria, ostentação de sua grandeza,/ tem de altura polla parte do Norte e nordeste, he hu / dormitório, q. no mais alto tem de hua parte 8 cubicu/los muito mais capazes q. os outros do Collegio co/ fermosa vista, nelles moram os Lentes de Theologia / com o Cancellario, E os P.es provincias da Prov.<sup>a</sup> / quando visitão o Collegio, respondemlle da parte / Do nascente janellas rasgadas porq. Entra tanta / Luz como se fora varanda a estas janellas cha/mão gallaria, pollas quaes entra o Sol no Inuerno E / o ar fresco no uerão.

No 2º andar deste fermoso edificio fica / o refeytorio, q. he capaz de 8 mesas por banda E duas no topo. O tecto delle he de estuque fundado / em arcos do mesmo q. descansão sobre 8 colunas / de mármore finíssimo Lustrado q. parece alabastro / tem cada hua de alto desassete palmos e meyo co/ a basi E capitel, E de grossura em redondo sete/ e meyo; respondemlle pera sustentar os arcos q. / nella descansão pilares de cantaria Laurados / co suas cornijas, Em q. elles descansão de sorte q. / de cada coluna saem 4 arcos tem esta casa 16 /Janellas duas no topo, E sete por banda, as mezas / q. são de bordo bem laurado descansão sobre pi/lares de marmore, os assentos de bordo E//

Fl. 11

os encostos de azulejo; Tem dous paineys no topo -/hu do passo do S.or a meza co os dous discípulos de / Emaús, outro em q. o seruem os Anjos a meza acaba/das as tentações do deserto. Os baixos deste edificio / seruem de celeyros do trigo, E casa de fruyta.

Isto he o q. deixou feito S.A. E he o melhor do Col/Legio, despois de sua morte se fez o corredor da portaria q. edificou o P.e Christovã de Gouuea, a sacrifício noua q. fez o Pe. P.o Nouaes, o corredor nouo dos / Mestres q. fez o P. Hieronymo dias, a noua capella / dos Irmãos q. fez o Pe. Ant.<sup>o</sup> de Abreu, a Livraria noua q. fez o P.e M.el Fagundes, E acabou E or/nou o Pe. António de Souza, Levantando o corre/dor q. esta junto della, E finalmente a capelinha / de N. S.ora q. fez o P.e P.o de Britto, sendo Reytores do Collegio. (...)

### ANEXO 3

#### Arquivo Distrital de Évora, Notarial 193, fl. 110 Fl. 110

Em nome de deus amen saibam quam/tos este istruamento de comçerto e contra/to de obra e obrigaçam Virem q. no anno do / nascimento de nosso senhor Jesus christo de mill e quin/hentos e setenta e sete Annos aos uinte/ e dous dias do mês de outubro da dita hera/ em A cidade devora demtro no collegio/ desprito samto da companhia de / Jesus estando ahi presentes os pa/dres sillvestre jorge e Gonçalo luis e dio/go de llemos todos da mesma compan/hia os quais padres a esto entrevieram/ em nome como procuradores q sam do/ cardeall ifante per vertude de hua/ provisão q diseram ter bastante para o dito caso q mostrariam quâdo / comprir E bem asi estando presente //

Fl 110v.

jeronimo de torres pedreiro nesta cidade / morador E loguo por elles padres foi dito per/ante mim tabeliam e testemunhas ao diante nome/adas q. elles em nome do dito senhor estavão / comçertados com o dito Jerónimo de to/res sobre a obra do collegio de nosa senhora/ da purificaçam q o dito senhor manda/ fazer nesta cidade Junto ao dito co/llegio E esto polla maneira seguinte/ convem a saber q elle jeronimo de torres se/ra obrigado fazer toda a pedraria/ e allvenaria alta e baixa polos preços /abaixo declarados Item fará toda a obra / dos portais e janellas asi do am/dar de baixo do dito collegio como de / cima cada pallmo de paramento cavado/ de picam a vinte reis e sendo lavados/ e limpos descada a vinte e cinco reis/ e medir a dita pedraria desta / maneira convem a saber q tudo q for cava/do e parecer della depois dasemtado/ se medirá aos pallmos da superfícia/ como se costuma medir o ladri/lho e em paguo do asento q elle dito je/ronimo de torres fará a sua custa/lhe será medidos os ditos portais/ e janellas quando medirem as pare/des a vão per(?) cheo E isto posto q a dita/ pedraria seja llamçill e não chegue/ a façe de dentro e isto per caso do lavor/ dos emcallços do llavrar dos portais a / qual pedraria llavrara de picão/ ou descada muito bem pondo tudo ho q. per/tençe as mãos e ferramentas a sua //

Fl. 111

custa/ item fara todos os cunhais e pilares/ asi as da crasta como a todas lógiás e asi do/ amdar de çima e do amdar de baixo lavra/das de picam cada pallmo dos paramentos/ e cabeças q. depois de asemtado ficar des/coberto a vinte e cimquo reis por cada pall/mo e semdo descada a trinta reis cada pall/mo e declararam q os cunhais sera elle/ dito jeronimo de torres obri/ gado a dar a/sentados a sua custa e em paguo do/ tall asento lhe seram medidos por parede/ item os pillares da crasta com os vãos am/tre pillar e pillar lhe seram medidos/ ate ho andar dos capiteis vão por cheo/ em paguo do asento e esta medição/ sera somente de parede de dous pall/mos e meyo posto que sejão os pillares/ e cunhais da tall crasta de mais / grosura e todos os pillares

que teverem menos/ de dous pallmos e meio daduella em pago/ do aseonto dos tais pillares seram/ medidos os vãos amtre pillar e pillar/ ate ho amdar dos capiteis por parede/ da grosura q teverem as tais aduellas/ mais de dous pallmos e meio não se/ram medidos por mais q por dous pall/mos e meio os quais pillares asi hus / como outros fará com suas faixas/ em luguar de capiteis as quais/ faixas lhe seram medidas e paguas/ polo preço dos pillares e modo delles Item/ as culunas da sobre crasta q sam dezasseis/ com seus capiteis toscanos e com sua / seja(?) em luguar de vasos os quais teram de allto afora os capiteis//

Fl. 111v.

Nove pallmos e de groso mejo (nospres) pallmo/ e tres quartos afora a seja(?) e na gragam/ta pallmo e meio afora ho colarinho ca/da culana (sic) com seu capitell asenta/da per peço de dous mill reis e as meas cullanas q vão aos cantos por mill reis/ per cada hua e os cunhais da dita so/bre crasta onde vão encostadas as meas colunhas (sic) seram medidas aos pall/mos conforme a Regra e preço dos/ cunhais açima ditos. Item os allqui/traves q vai sobre as ditas culunas os / quais faram juntamente friso e allquitra/ve q se devidira com hua faixa da../ca por demtro e por fora cada pallmo / dos quais allquitraves lavadas descada cada/ e asentadas por preço de trinta reis ho / pallmo aos quais allquitraves seram/ medidas todas as partes q forem/ lavadas posto que nam pareção com/vem saber os leitos q vão sobre as cu/lunas e as juntas amtre allquitra/ve e allquitravee estas colunas/ e allquitraves dara elle dito jero/nimo de torres asentadas polos pre/ços acima sem lhe ser mais medido/ vão por cheo. Item ttodos os degraos/ de quallquer sorte q sejão contanto/ q nam sejão de boçell fara polo pre/ço dos portais e janellas. Item a braça / da parede empreso pondo as mãos e ca/banejos e cordas a preço de trezentos/ e trinta reis por barça (sic) para as quais / paredes sua alteza lhe mandara so/mente madeira para os amdamos . Item a //

Fl. 112

a braça d'abobada empeso a quinhentos reis/ per braça pondo elle jeronimo de torres tudo ho que/ pertence as suas mãos çimpres cordas e cabane/jos como dito he. Item a braça das gurniçois/ apimçillada e bem feita a cincoenta/ reis pondo as mãos jueiros e tudo de mais/ neçessario. Item a braça de ladrilho Roça/do e esca(p borrão)illado duzentos reis das mãos / item a braça de telhado cintado com seu / espigão e as cintas serão hua cahira/ e outra não cada braça bem feito e com/certado que não chova por elle demtro em ca/sa, cem reis cada braça. Item a vara pola/ braça do emcaimento que cerqua todo co/llegio a Roda por fora e por dentro/ a trezentos reis por braça na quall cima/lla, se emtendera somente a sacada della/ e sua cimalha comua ho quall emcaj/mento tera tres palmos comvem saber / hum pallmo de cornija e outro de friso/ e outro dallquitrave e omde nesta / cimalha for sobre as colunas da sobre/crusta convem a saber sobre os all/quitraves que sam de pedraria fara cada / braça a çemto e cimcoenta reis e/ Isto das cimalhas se emtemde guar/necidas e acabadas a quall obra todas/ Atras declarada elle dito jeronimo / de torres será obrigado a

dar benfeita/ e acabada e segura e asemtada/ pólos preços Atras declarados neste/ contrato conforme a traça que sua all/teza lhe tem dado e todas as achegas/ postas na obra e toda a madejra/ para os amdamos e agoa posta na obra será a custa de sua allteza / e tudo mais A custa delle //

Fl. 112v.

Jeronimo de torres convem saber çimpres/ cordas e cabanejos faramentas e todos / os mais meneos tirando a madeira dos/ amdamos da quall obra elle Jerónimo/ de torres nam allevamtara mão ate/ de tudo ser acabada e trará todos os ho/ficiais e servidores que bem possam/ gastar tudo ho que cada feria lhe/ for dado e os pagamentos se lhe farão/ pollo pomto que ho apontador de sua all/teza troixer na dita obra convem sa/ber as ferias cada oito dias e as tais / hóbras seram medidas cada vez/ que sua allteza ho mandar para se saber/ ho que asi vai Recebendo e o que tem feito do/bra e de todas as ferias que fizerem ao /dito jerónimo de torres se fará hum / Asento no llivro asinado por elle de todo/ dinheiro que Ri-ceber como ate agora do prim/cípio da obra que foi no mês de junho/ desta presente hera tem feito ho quall / dinheiro que asi tever Recebido lhe sera des/contado da obra que lhe for medida/ na qual mediçam se tera Respeito/ as braças que tever por fazer nos alltos/ co-tejamdoce com ho que tever feito nos / baixos a quall obra dará feita e se/gura a sua custa sob pena de se fazer / a sua custa em qualquer parte/ que não seja tall E por esta maneira/ e condiçois atrás declaradas/ lhe ouveram elles padres por dado/ a dita obra e se hobrigaram lhe cum/prir tudo sobredito polla fazemda/ do dito senhor cardeall que por ello ho/brigaram E loguo pollo dito jeronj/mo de torres pedreiro que presente //

Fl. 113

estava foi dito que elle tomava e aceitava/ em sy a dita hobra toda atrás declarada/ a quall se obrigou fazer e dar per/feitamente acabada e segura po/llos preços e condiçois em sete com/trato declarados e per si e seus bens mo/veis e de Raiz avidos e por aver que ello/ hobrigou e em espiçiall hobrigou ipoti/cou hum assento de casas que tem omde hora/ vive neste cidade na Rua do Ramalho/ que parte com casas de manuell simois e da / outra com casas de catarina Jorge viuva/ E com outras confrontaçois com que/ de direito devão e ajam de partir fo/reiras todas emfatiota a igreja/ de samtiagu destas cidade Em mill/ e qui-nhentos reis que dise que bem /valliam com o dito emcargo de/ seu foro duzentos e cim-coenta/ mill reis e sam livres e desobriga/das de toda outra divida fimaça/ e obrigaçam sallvo esta a qual fiamça se obrigou dar outroga(sic) de / sua molher e a todo conteudo neste/ contrato e semdo neçessario mais/ fiamça a dara e declarou mais / elle jeronimo de torres que elle será hobri/gado a hir ou mandar desbastar / a pedraria a pedra a sua custa/ quando for neçessario E em tes/temunho de verdade asi ho outro/garam e mandaram dello ser feito/ este estromento e os que da nota comprj//

Fl. 133v.

rem ho quall asinaram estando/ presentes por testemunhas dioguo ferreira pi/dreiro e amtonio fernandes outrossi pidreiro e amtonio / gomçalves outrossi pedreiro moradores nesta/ cidade d'eVora. E eu domingos gonçalves pegas ho / escrevi e posto quediga que dioguo ferreira/ foi testemunha não foi e foi em seu lugar / amadeu Fernandes moço da es- trebaria do dito senhor/ outrosi aqui morador e eu domingos Gonçalves pegas/ tabeliam o escrevi com Antrellinha que/ diz sera a custa de sua allteza/ e Risquei q ser ho que tudo fiz na Verdade.

Assinam: Diogo de Lemos; Silvestre Jorge; Gonçalo Luis; Jeronimo de Torres; Ama-deu Farnades; Antonio Gonçalves.

**FONTES:**

**Arquivo Distrital de Évora**

Livro 6º dos Originais da Câmara, Fls. 328-330; 332; 443  
Notarial de Évora 193, fl. 110

**Arquivo da Universidade de Évora**

Fondo Gesuítico, Collegia 46  
Fondo GES 1408 e 1409 (os conteúdos repetem-se, apesar de os cd's terem número diverso)  
Fondo GES, Lus 80, Fls. 211 – 212v, 218, 226-228  
Fondo GES, Lus 81  
Fondo GES, Lus 82 I  
Fondo Ges, Lus 82 II

**Biblioteca Pública de Évora**

Códice CX/1-17, Peça 5  
Códice CLXIX/1-30, nº 1  
Códice CXXXI/1-7, *Livro da despeza das Rendas do Collegio da purificação de N. Sora.*  
Fundo Colégio do Espírito Santo, Livro 4, Peça 29  
Fundo Colégio do Espírito Santo, Livro 5, Peças 344, 345 e 351  
N. Res. 403 – P. António Franco, *História do Noviciado de Évora*, 1714

**Bibliografia**

- BRANDÃO, Frei António – *Monarquia Lusitana*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973.  
COSTA, António Carvalho da – *Corografia Portugueza e Descripçam Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1708, tomo II.  
BELÉM, Frei Jerônimo de – *Chronica Serafica da Santa Província dos Algarves, da Regular Observância do Nosso Seráfico Padre S. Francisco*. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1753, vol. 1.  
BRITO, Frei Bernardo de – *Monarquia Lusitana I*. Introd. de A. da Silva Rego. s.l.: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, vol. XV.  
FARINHA, Bento José de Sousa – *Collecçam das Antiguidades de Evora Escriptas por Andre de Resende, Diogo Mendes de Vasconcelos, Gaspar Estaco, Fr. Bernardo de Brito e Manoel Severim de Faria*. Lisboa: Officina de Filipe da Silva e Azev., 1785.  
FONSECA, Francisco da [Padre] – *Evora Gloriosa. Epilogo dos quatro tomos da Évora Ilustrada, que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de Jesus*. Roma: Officina Momarediana, 1728.  
FRANCO, António [Padre] – *Évora Ilustrada*. Introd. GUSMÃO, Armando de. Évora: Edições Nazareth, 1945 (apenas em versão manuscrita até ao século XX) – muito pormenorizado em relação às alterações dos finais do século XVII e do século XVIII.  
MACHADO, Diogo Barbosa – *Bibliotheca Lusitana*. Coimbra: Atlântida Editora, 1966, tomo II.  
MELLO, Joaquim José Vieira de, *Fundação da Universidade de Évora, 1547-1564*, BGUE, Doc. Policopiado.  
MENDEIROS, José Filipe, *Seminário de Párocos da Universidade de Évora do Real Colégio da Purificação ao Instituto Superior de Teologia*, Évora: Seminário Maior, 2002.